

18º Congresso Brasileiro de Sociologia

26 a 29 de Julho de 2017, Brasília (DF)

Grupo de Trabalho: GT28 – Sociologia Histórica: rumos e diálogos atuais

A perspectiva histórica e os caminhos da Sociologia: desafios e experiência de pesquisa no contexto dos estudos migratórios.

Patrícia Bosenbecker/UFRGS

A perspectiva histórica e os caminhos da Sociologia: desafios e experiência de pesquisa no contexto dos estudos migratórios.¹

Patrícia Bosenbecker

Resumo: Os estudos migratórios formam um amplo e complexo conjunto de pesquisa tanto na História como na Sociologia. Conceitos como redes migratórias, capital social, empreendedorismo, transnacionalismo, etnicidade, entre outros, são geralmente utilizados por pesquisadores de ambas as disciplinas. Contudo, uma abordagem sócio-histórica apresenta desafios peculiares aos jovens pesquisadores, por exemplo, como avaliar laços binacionais em redes sociais de imigrantes alemães no Brasil do século XIX, antes da solidificação dos estados nações contemporâneos. Ou ainda como organizar fontes documentais históricas a partir de questões e categorias sociológicas. Se em níveis mais práticos da pesquisa, a experiência histórica pode contribuir positivamente para ampliação de métodos e técnicas, em termos conceituais faz-se necessário um “pensar historicamente”, ou seja, incorporar uma compreensão de eventos e de atores como integrantes de um processo amplo, gradual, permeado de transformações e percalços. Por outro lado, na sociologia histórica, o debate ao redor da ideia de temporalidade pode incrementar a discussão. O objetivo deste trabalho é discutir os principais problemas e dificuldades decorrentes de uma pesquisa sócio-histórica, ou seja, pesquisa documental histórica e a construção de narrativa histórica, a partir da análise de redes sociais imigrantes no extremo sul brasileiro, na segunda metade do século XIX e início do XX, desenvolvida em minha tese de doutorado.

Palavras-chave: transmigração, empreendedorismo, sociologia histórica.

Os estudos migratórios formam um amplo e complexo conjunto de pesquisa tanto na História como na Sociologia. Conceitos como redes migratórias, capital social, empreendedorismo, transnacionalismo, etnicidade, entre outros, são geralmente utilizados por pesquisadores de ambas as disciplinas. Contudo, uma abordagem sócio-histórica apresenta desafios peculiares aos jovens pesquisadores. Um exemplo é como avaliar laços binacionais em redes sociais de imigrantes alemães no Brasil do século XIX,

¹ Este trabalho reproduz com uma adaptação e pequena alteração de conteúdo, alguns trechos da introdução da minha tese intitulada “Três gerações de empreendedorismo: capital e laços sociais entre Brasil e Alemanha a partir do estudo de caso da família Rheingantz” e defendida no primeiro trimestre de 2017, no PPG-Sociologia/UFRGS.

antes da solidificação dos estados nações contemporâneos. Ou ainda como organizar fontes documentais históricas a partir de questões e categorias sociológicas em programas de computador pouco conhecidos ou apreciados por historiadores. Se em níveis mais práticos da pesquisa, a experiência histórica pode contribuir para ampliação de métodos e técnicas, em termos conceituais faz-se necessário um “pensar historicamente”, ou seja, incorporar uma compreensão de eventos e de atores como integrantes de um processo amplo, gradual, permeado de transformações e percalços. Tais processos precisam evidentemente considerar o fator tempo como pressuposto analítico e, assim, acompanhar a longa passagem do tempo e a própria existência de outros tempos, de outras temporalidades.

O objetivo deste trabalho é discutir os principais problemas e dificuldades decorrentes de uma pesquisa sócio-histórica, isto é, uma pesquisa documental histórica e a construção de uma análise narrativa, a partir da análise de redes sociais imigrantes no extremo sul brasileiro, na segunda metade do século XIX e início do XX, pesquisa desenvolvida em minha tese de doutorado, defendida no primeiro trimestre de 2017. A tese propunha a investigação de um grupo específico de empreendedores, denominados transmigrantes, alicerçados em uma rede migratória, que também foi investigada no trabalho, e que desenvolveram empresas a partir de uma base transnacional de laços e vínculos entre Brasil e Alemanha. Foi efetuado um recorte transgeracional e elaborado um estudo de caso de uma família de empreendedores, ou seja, o objeto empírico eram três gerações da mesma família, que foram responsáveis pela construção de quatro fábricas e uma grande empresa colonizadora no sul do Rio Grande do Sul. Dessa forma, ao estudar o papel do capital social dos empresários na construção de suas empresas e, por conseguinte, de suas redes, a tese buscou investigar a temporalidade da construção de grandes empresas familiares.

A base conceitual considerou que os grupos transmigrantes possuem quadros de referências pluri-locais, nos quais em termos locais, regionais e nacionais dos países de origem, acolhimento e ainda outros países que poderiam ter influência na vida dos migrantes era possível identificar incorporações, de intensidades diferentes, que marcavam o cotidiano desses indivíduos e especialmente caracterizavam as suas decisões econômicas e

que, conseqüentemente, estavam concretizadas nos negócios construídos. Assim, pressupunha-se uma forma adaptativa de inserção na sociedade local (ou de acolhimento) e a manutenção de laços entre países de acolhimento e origem.

Os empreendedores transmigrantes e os estudos migratórios

Considerando a família pesquisada como um grupo de empreendedores transmigrantes, definimos o conceito de transmigrante como aqueles imigrantes que dependem de múltiplas e constantes interconexões através das fronteiras internacionais em seu cotidiano e, assim, configuram suas identidades, recorrendo a mais de uma nação como ponto de referência (SCHILLER; BASCH; BLANC, 1995, p. 48). A perspectiva do empreendedorismo transmigrante é relativamente nova nas Ciências Sociais, mas sua ocorrência não está circunscrita aos dias atuais. Esse foi o primeiro axioma do trabalho. Nos estudos migratórios e nos desenvolvidos por sociólogos econômicos, a preocupação é relativa às condições dos imigrantes para sustentarem um empreendimento transnacional, pois “os meios que tinham ao dispor para o conseguirem eram bastante escassos em comparação com aqueles de que hoje em dia dispõem os imigrantes” (PORTES, 2004, p. 74). Isso quer dizer que há uma questão de densidade e de complexidade nos movimentos contemporâneos, influência latente da ideia de globalização, do capitalismo e do mundo moderno, em função das novas tecnologias nos transportes e nas telecomunicações (PORTES, 2004; PORTES; GUARNIZO; HALLER, 2002, p. 281). A questão é assim resumida pelo professor da Universidade da Califórnia, Min Zhou (2004, p. 1054, tradução nossa²):

Historicamente, os movimentos de ida e volta entre os países emissores e receptores têm sido um fato da vida para muitos grupos

² Texto original: “*Historically, movements back and forth between sending and receiving countries have been a fact of life for many immigrant groups. What is new about contemporary transnationalism is that the scale, diversity, density, and regularity of such movements and the socioeconomic consequences that they have brought about are unmatched by the phenomena of the past, thanks to jet flights, long-distance telephone and fax services, the Internet, and other high-tech means of communication and transportation, but most importantly to the restructuring of the world economy along with the globalization of capital and labor*”.

de imigrantes. O que é novo no transnacionalismo contemporâneo é que a escala, a diversidade, a densidade e a regularidade desses movimentos, e as consequências socioeconômicas que provocaram, são incomparáveis com os fenômenos do passado, graças aos voos a jato, aos serviços telefônicos e de fax, a internet e outros meios de comunicação e de transporte de alta tecnologia, mas sobretudo a reestruturação da economia mundial, juntamente com a globalização do capital e do trabalho.

A observação de Zhou precisa ser matizada, pelo menos em dois sentidos gerais. O primeiro deles relativo às tecnologias atuais em comparação com o mundo passado e, o segundo, em relação a quem teria oportunidade, em perspectiva histórica, de manter laços e relações transnacionais. Com relação à primeira questão, é necessário buscarmos uma nova abordagem nos termos da sociologia histórica. Assim, não é prudente comparar as conversas mantidas em tempo real pela internet nos dias de hoje com as antigas cartas, ou as viagens de algumas horas de avião com aquelas que levavam semanas em navios. Aqui, é preciso deixar que o tempo tenha suas próprias especificidades. Cartas trocadas entre grandes comerciantes de outrora puderam manter sólidos negócios tanto quanto ligações de celulares mantidas diariamente nos dias de hoje influenciam instituições financeiras mundo afora. A questão é compreender as especificidades e as temporalidades, ou seja, perceber que a carta recebida de outro grande industrial alemão no início do século XX era importante e, simbolicamente, precisa ser avaliada pela força, pressão ou surpresa que tinha em seu contexto e, assim, por seus significados. Em suma,

[...] as diversas temporalidades não devem ser consideradas como envoltórios objetivos dos fatos sociais; são o produto de construções sociais que asseguram o poder de uns (sobre o presente ou futuro, sobre si próprios ou sobre os demais) e levam os outros à desesperança (CHARTIER, 2010, p. 68).

O que é importante, portanto, nesse tipo de pesquisa histórica, é analisar a manutenção e a construção desses laços transmigrantes, que já eram fatores substanciais nas grandes ondas de migrações transatlânticas no final do século XIX e início do XX (LEVITT, DEWIND, VERTOVEC, 2003, p. 569). A perspectiva histórica, dessa forma, contribui para destacar o valor do conceito,

pois aponta para conexões previamente negligenciadas pelos pesquisadores (PORTES; GUARNIZO; HALLER, 2002, p. 281).

A segunda questão que mencionamos é a de que, mesmo em tempos passados, “muitos grupos de imigrantes” já viviam conforme uma perspectiva transnacional. A afirmativa não parece ser exata. Os estudos dirigidos por Alejandro Portes revelam que as atividades transnacionais não se tornaram a principal forma de adaptação econômica dos imigrantes, pelo contrário, apenas uma pequena minoria, por exemplo, tornou-se empresário transnacional (PORTES, 2004, p. 84). Isso significa que apenas um pequeno grupo de empresários de origem imigrante depende efetivamente das relações constituídas em termos transnacionais (LEVITT; DEWIND; VERTOVEC, 2003, p. 569). Conforme Portes (2004, p. 84):

Tomados no seu conjunto, estes resultados indicam que o transnacionalismo não constitui o modo de adaptação normativo ou dominante destes grupos de imigrantes. Quando no novo país, a maior parte dos seus membros parece prosseguir as suas vidas num relativo esquecimento daquilo que fora a sua experiência anterior. Nesta medida, encontra-se aqui fundamento para a posição “canónica” da teoria da imigração, que acentua a assimilação dos imigrantes pela sociedade anfitriã. Acresce que o reconhecimento de que o transnacionalismo não é um fenómeno universal deve ser alargado por forma a reconhecer também que, pelo menos no caso de alguns imigrantes, ele se encontra quase ausente.

Nesse sentido, os estudos apontam que o empreendedorismo transmigrante é um projeto “sobretudo de homens com firme inserção na estrutura familiar – homens com instrução, bons relacionamentos, e uma sólida implantação no país de acolhimento” (PORTES, 2004, p. 88). Entretanto, mesmo aqueles imigrantes envolvidos em práticas transnacionais as realizam com considerável variação de tipos, formas e alcance (LEVITT; DEWIND; VERTOVEC, 2003; PORTES, 2004; LEVITT, 2001). Assim, não é possível esperar ou estabelecer uma prática universal. Zhou (2004) resume a questão ao afirmar que a compreensão dessas escalas e formalidades passa pela adoção de perspectivas de análise que ultrapassam a vida imigrante no país de acolhimento, ressaltando o processo de criação e manutenção de relações sociais multifacetadas entre sociedades de origem e acolhimento, nas quais a intensidade dos intercâmbios interessa aos estudiosos. Por um lado, pode ser encontrado um conjunto maior de práticas nos países de acolhimento ou no de

origem, ou em ambos. Porém, não se diminuiu o entendimento das práticas transmigrantes se um indivíduo mantiver relações econômicas de escopo transnacional e nenhuma atividade comunitária com seu país de origem ou ainda se viver efetivamente no país de acolhimento, mas manter recursos, contatos e relações com outras pessoas que estão longe (LEVITT, 2001). Em resumo, as práticas podem ser abrangentes ou seletivas:

Por exemplo, há indivíduos e grupos cujos meios de subsistência econômica dependem de atividades transnacionais regulares, enquanto suas vidas políticas e religiosas se concentram em interesses do país de acolhimento. Mas há também os migrantes que participam regularmente de práticas religiosas e políticas transnacionais e só ocasionalmente enviam dinheiro de volta para os membros da família ou investem em projetos de sua pátria. Indivíduos cujas práticas transnacionais envolvem muitas arenas da vida social podemos dizer que se envolvem em práticas transnacionais “abrangentes”, enquanto outros que participam de apenas algumas, são mais “seletivas” (LEVITT; DEWIND; VERTOVEC; 2003, p. 569-570, tradução nossa³).

Desse modo, um indivíduo pode manter atividades transnacionais seletivas, quer dizer, restringi-las a uma esfera da vida social, enquanto que outros indivíduos podem acumular práticas sociais transnacionais em muitas arenas da vida social, mantendo práticas abrangentes (LEVITT, 2001, p. 198). Todavia, mesmo quando limitada, essa experiência transnacional deve ser investigada porque o ponto central é desvelar se existe uma via alternativa de adaptação política, social e/ou econômica na sociedade de acolhimento, em comparação com os modelos assimilacionistas (PORTES, 2004, p. 89; PORTES; GUARNIZO; HALLER, 2002, p. 284). Para esses autores, um empresário transmigrante pode manter relações transnacionais em termos econômicos, garantindo sucesso ao seu empreendimento, e não manter atividades transnacionais em outras dimensões (social ou política, por

³ Texto original: “For example, there are individuals and groups whose economic livelihoods depend upon regular transnational activities while their political and religious lives focus on host-country concerns. But there are also migrants who participate regularly in religious and political transnational practices and only occasionally send money back to family members or invest in homeland projects. Individuals whose transnational practices involve many arenas of social life can be said to engage in ‘comprehensive’ transnational practices, while others who take part in only a few are more ‘selective’. Most of the individuals described in this volume participate in selective transnational practices as well as selective assimilation into their host societies”.

exemplo), resultando, ainda assim, em um caso de adaptação econômica bem-sucedida no país de acolhimento. Nesse sentido:

Os campos sociais transnacionais que a migração engendra abrangem todos os aspectos da vida social. Embora possam surgir no início em resposta às relações econômicas entre migrantes e não migrantes, também surgem conexões sociais, religiosas e políticas que constituem e são constituídas por essas arenas. Quanto mais diverso e espesso for um campo social transnacional, maior será o número de maneiras que ele oferece aos migrantes de permanecerem ativos em suas terras. Quanto mais institucionalizadas forem essas relações, mais provável será que a adesão transnacional persista (LEVITT, 2001, p. 197, tradução nossa⁴).

Por outro lado, os comportamentos e as decisões econômicas, como a abertura de uma empresa, por exemplo, estão imbricados nas relações sociais (GRANOVETTER, 2007). Isso significa que existem recursos disponíveis, embora escassos, no interior de redes de relações que podem auxiliar a atingir os objetivos econômicos ou outros objetivos, de determinados grupos ou indivíduos. Contudo, a disposição desses recursos não é igualitária entre os membros de uma rede ou grupo. Assim, captar, gerenciar ou acessar tais recursos depende da capacidade de cada integrante da rede, como a chave para obter maiores benefícios para os projetos ou objetivos econômicos individuais (PORTES, SENSENBRENNER, 1993; PORTES, 1995). A obtenção desses recursos escassos depende do capital social de determinado indivíduo.

Pensar historicamente na Sociologia

O que é a narrativa histórica desenvolvida no interior de uma abordagem sócio-histórica? Há diferentes concepções e formas de utilizar as narrativas como método de análise na sociologia histórica. Entre tais concepções, cito três das mais conhecidas, tendo cada uma delas um representante principal: a narrativa de evento-estrutura delimitada por Larry Griffin; a narrativa sociológica ou as categorias narrativas de Andrew Abbott; e as narrativas comparadas de

⁴ Texto original: “*The transnational social fields that migration engenders encompass all aspects of social life. Though they may arise at first in response to the economic relations between migrants and non-migrants, social, religious, and political connections also emerge which constitute and are constituted by these arenas. The more diverse and thick a transnational social field is, the greater the number of ways it offers migrants to remain active in their homelands. The more institutionalized these relationships become, the more likely it is that transnational membership will persist*”.

Peter Abell. Entre esses, Griffin é quem apresenta uma definição mais abrangente para “narrativa”:

Narrativas são construções analíticas (ou coligações) que unificam um número de ações e acontecimentos passadas ou contemporâneos, que poderiam ter sido vistos como discretos ou díspares, em um todo coerente relacional que dá sentido à e explica cada um dos seus elementos e é, ao mesmo tempo, constituída por ela (McCullagh 1978; Abbott 1990; Griffin 1992). Narrativas são feitas de material bruto de sequências da ação social, mas são, do início ao fim, definidas e orquestradas pelo narrador para incluir uma particular série de ações em uma ordem temporal específica para um propósito específico. (GRIFFIN, 1993, p. 1097, tradução nossa⁵).

As explicações narrativas estão baseadas em uma conectividade sequencial e no desdobramento da ação, isto quer dizer que uma forma de explicar uma determinada ocorrência é dada pelo entendimento do que causa determinada ação. Na narrativa, isso pode ser realizado pela sequência das ações na própria trama narrativa e pela ligação desta em um conjunto de ações (GRIFFIN, 1993, p. 1097). No interior de uma investigação sociológica, a dinâmica da narrativa proporciona um entendimento sobre a interação entre agência e estrutura (ABRAMS, 1982; SEWELL, 2005). A maior parte das explicações sociológicas são comparativas e generalizantes, mas não temporais, enquanto as narrativas apresentam lógicas construtivas e explicativas temporais, nas quais as explicações assumem a forma de um desdobramento (GRIFFIN, 1993, p. 1099). Como disse Abrams (1982, p. 200), as narrativas devem ser “desempacotadas”, para, conforme Griffin (1993, p. 1100), serem reconstituídas analiticamente a fim de formar uma interpretação causal de certo evento histórico. Em meu trabalho, utilizei um tipo particular de narrativa, a narrativa de caso único, ou *single-case narrative* (ABBOTT, 2001), procedimento caracterizado pela delimitação do caso em si ao redor dos indivíduos investigados. Uma das dificuldades centrais desse método encontra-se na delimitação das fronteiras ao redor deste tema central.⁶

⁵ Texto original: “Narratives are analytic constructs (or “colligations”) that unify a number of past or contemporaneous actions and happenings, which might otherwise have been viewed as discrete or disparate, into a coherent relational whole that gives meaning to and explains each of its elements and is, at the same time, constituted by them (McCullagh 1978; Abbott 1990; Griffin 1992). Narratives are made up of the raw materials of sequences of social action but are, from beginning to end, defined and orchestrated by the narrator to include a particular series of actions in a particular temporal order for a particular purpose”.

⁶ Veja discussão em Abbott (2001, p. 141 e seguintes).

O uso da narrativa, nesse sentido, dá-se como método de análise para o estudo de processos históricos, e não como descrição histórica. A sociologia histórica, embora seja tratada comumente como um subcampo da Sociologia, é melhor definida como uma abordagem. Ainda na década de 1960, Charles Tilly (1988; 2007) apontava para o ressurgimento do pensamento e para a pesquisa histórica na Sociologia. A preocupação com o futuro da história na sociologia manteve-se em seus trabalhos. O autor sempre defendeu uma sociologia histórica ampliada, na qual as análises sociológicas pudessem ser historicizadas, ou seja, amparadas no tempo e no espaço.

Tilly propunha que as relações sociais existentes no passado e os seus resíduos tinham condições de constranger as relações sociais futuras, por meio de processos que gerariam conexões ao longo do tempo e em determinado espaço, contudo essas correlações não eram simples. Para o autor, os processos ocorrem em determinado lugar e tempo e afetam o próprio processo e a forma pela qual eles mesmos ocorrem. Desse modo, Tilly (1988, p. 710) procurou mostrar que “os processos sociais são dependentes do caminho. É por isso que a história importa”.⁷

Tilly, assim como outros autores, defende que a sociologia histórica não deva ser tratada como subcampo, mas como uma abordagem. Também compactuando dessa opinião está Theda Skocpol (1984; 2004), que caracteriza a abordagem da seguinte forma:

No meu ponto de vista, a sociologia histórica é melhor compreendida como uma tradição contínua de pesquisa, sempre renovada, devotada para a compreensão da natureza e dos efeitos de estruturas de larga escala e processos fundamentais de mudança. Os desejos de responder a questões historicamente embasadas, e não a paradigmas teóricos clássicos, são a força diretiva. Com certeza, sempre houve e sempre haverá sociólogos que não questionam ou buscam responder questões macroscópicas, historicamente fundamentadas (SKOCPOL, 2004, p. 11-12).

A sociologia histórica enfoca sequências, temporalidades e processos de mudança social. Possui uma postura metodológica que valoriza a pesquisa

⁷ Adaptado do texto original: “*Such processes produce connectedness within time and space that goes beyond simple temporal and spatial autocorrelation; every existing structure stands in the place of many theoretically possible alternative structures, and its very existence affects the probabilities that the alternatives will ever come into being. In short, social processes are path-dependent. That is why history matters*”.

histórica, ou seja, um conjunto de materiais históricos (fontes documentais), enfatizando a temporalidade e salientando a complexidade, a partir da tendência de ver as estruturas sociais como resultados de combinações contingentes de processos e eventos (MONSMA, 2007). As principais preocupações dizem respeito às estruturas sociais e aos processos situados no tempo e no espaço, e, nesse sentido, perseguem sequências temporais em busca de consequências. Entretanto, não afasta de seus propósitos a compreensão das consequências das vidas individuais e das transformações sociais em cada local, percebendo os diversos ritmos que circundam as escolhas no passado, escolhas que criam, limitam e movimentam as possibilidades de mudança (SKOCPOL, 2004). Há, no entanto, diferentes arcabouços teóricos que definem temporalidade, eventos e sequências de eventos, por exemplo.⁸ Um referencial pertinente é o desenvolvido por Andrew Abbott (2001), que elabora a teoria de análise narrativa, a qual evidencia os *turning points* ou pontos de virada, em tradução livre. Abbott (2001), a partir de seus estudos sobre carreiras profissionais nos Estados Unidos, interessou-se pela sucessão de eventos no curso da vida, desenvolvendo ideias sobre encadeamento, ordem e convergência das histórias vividas evidentes no processo social. A implicação mais geral da concepção do autor mostra que o processo social poderia ser analisado a partir de trajetórias e transições.

Trajetoórias, nesse sentido, são sequências de eventos interdependentes em diferentes áreas da vida; já transições são, por um lado, diferentes estágios ao longo de uma trajetória que podemos considerar regulares e, por outro, cortes radicais, que redirecionam caminhos. Esse último tipo de transição é considerado pelo autor um ponto de virada, pois interrompe um padrão regular de dada trajetória, criando uma nova direção, um novo rumo e, dessa forma, desencadeia uma nova trajetória. As trajetórias têm como característica certa inércia, que remete ao seu caráter duradouro, incluindo pequenas transições, que não são apreciáveis como mudanças de direção na trajetória como um todo. Como narrativa, há um caráter de coesão que faz a trajetória ser tomada como linear. Um indivíduo pode experimentar uma sequência de vida como uma trajetória conectada à outra, com pontos de virada entre elas, isto é: uma

⁸ Veja, por exemplo, Sewell Jr. (2005) e Monsma (2016).

trajetória, um ponto de virada, nova trajetória, outro ponto de virada e, assim, sucessivamente.

Para Abbott (2001), o conceito de pontos de virada é um conceito narrativo, porque tem como referência dois pontos no tempo e não apenas um. Isso significa que o que importa é a passagem suficiente de tempo para o novo curso, no qual se torna claro que a direção foi de fato alterada. Assim, o autor está tratando de mudanças ao longo do tempo. Já os pontos de virada podem ser percebidos a princípio como caóticos, ocasionados por uma transição irregular na trajetória. Contudo, o próprio ponto de virada é consequencial, uma vez que mudanças não ocorrem instantaneamente ou, em outras palavras, os processos sociais não tomam outra direção instantaneamente. Para ser percebido, esse ponto de virada somente fará sentido após ocorrer, quando uma nova trajetória for estabelecida. O ponto de virada é, portanto, um processo narrativo, que tem uma duração e uma extensão, “que leva tempo para acontecer” (ABBOTT, 2001, p. 258). Resta saber como o tempo pode ser definido no interior de um processo social.

Abbott (2001) acredita que a noção de tempo é local, no sentido de que ela é própria de um determinado lugar e um momento particular. Por outro lado, o tempo é relacional, pois “os presentes de uma pessoa não são de outra pessoa” (ABBOTT, 2001, p. 295). Dessa forma, o tempo também é indexado, pois agrupa uma multiplicidade de presentes sobrepostos, de modo que a temporalidade surge a partir da convergência de diferentes ritmos de vida e de diferentes graus de interação na vida social. A perspectiva de trajetórias e transições permite observar ainda a capacidade de adaptação a novas situações e a circunstâncias adversas, em que um ator social pode aproveitar oportunidades ou sofrer os reveses. Assim, desenhamos um quadro de pesquisa no qual o tempo é uma variável.

Percursos e os desafios da pesquisa

A tese desenvolvida tratou do processo de imigração/colonização e industrialização ocorrido no Brasil, entre o final do século XIX e o início do XX, partindo da construção de empresas de propriedade imigrante e, de certa

forma, do seu funcionamento ao longo do tempo. Nesse sentido, propomos uma abordagem multigeracional, pesquisando três gerações de uma mesma família, a família Rheingantz, sendo que, em cada geração, tomaremos o chefe de família como principal indivíduo a ser avaliado, compreendendo desde a saída dos Rheingantz da Alemanha, no início da década de 1840, até o final da chamada Primeira República brasileira, em 1930.

A família Rheingantz foi um dos mais influentes e importantes grupos empreendedores de origem alemã do sul do Rio Grande do Sul. Ainda no terceiro quartel do século XIX, a família foi a responsável pela construção de casas comerciais, uma colônia agrícola e fábricas de chapéus, lã, algodão e aniagem. Esses negócios, que tinham por base a mão de obra imigrante, estavam centrados nas cidades de Rio Grande e Pelotas. O maior dos estabelecimentos foi um complexo fabril, que, embora tenha trocado diversas vezes de nome, ficou conhecido como Companhia União Fabril, erguida por Carlos Guilherme Rheingantz, pertencente à segunda geração do grupo, já nascida no país. A primeira fábrica foi fundada em 1873 e é considerada a primeira do Brasil no ramo de tecidos de lã. O complexo fabril chegou a abastecer o exército brasileiro, contando, durante a Segunda Guerra Mundial, com mais de 1200 funcionários (ROCHE, 1969, p. 507) e funcionando praticamente o dia todo. As fábricas permaneceram na família até o final da década de 1950, quando eram administradas pela quarta geração familiar, netos do imigrante Rheingantz.

Em termos empíricos isso significou a construção de uma pesquisa binacional, com a exploração de dois campos diferentes, o brasileiro, já conhecido, e o alemão, inesperado. O primeiro passo era seguir os locais onde a família estabeleceu seus quadros de referência. No Brasil, a partir da experiência de pesquisa anterior, foi realizada uma coleta de documentos em três cidades, Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande, todas no Rio Grande do Sul, além dos dados obtidos em portais eletrônicos, como foi o caso da Hemeroteca Digital, da Biblioteca Nacional. Na Hemeroteca Digital Brasileira foram realizadas buscas nominais a partir dos nomes dos empreendedores pesquisados, que nos levaram a utilizar o jornal *A Federação*, de Porto Alegre (1884-1937), além do jornal *Rio-grandense*, noticioso da cidade de Rio Grande (1849-1851), e do *Diário do Rio de Janeiro*, entre outros jornais da capital do

Rio de Janeiro, onde foi possível acompanhar alguns integrantes pesquisados individualmente. Assim, por exemplo, com a inserção do nome Rheingantz na ferramenta de busca do jornal A Federação, foram encontradas 598 ocorrências, somadas a outras 37 com a variação Reingantz (sem o h).

Outra fonte coletada foram as 14 entrevistas realizadas na década de 1980, sob custódia do Centro de Documentação Histórica, da Fundação Universidade Federal de Rio Grande (FURG), realizadas por professoras do núcleo de História Oral daquela instituição, com descendentes da família pesquisada e funcionários que trabalharam nas empresas em questão. Foram coletados também centenas de cartas, processos criminais e de inventários, totalizando 179 documentos transcritos. Também foram utilizados registros de terras e propriedades retirados de 56 livros notariais, e registros religiosos, como batizados e casamentos, em 12 livros de registros, além de fontes secundárias, como genealogias e biografias já editadas. Por si só, os documentos coletados já formavam um *corpus documental* bastante significativo para uma pesquisa qualitativa, contudo era apenas uma parte da pesquisa. A outra parte seria realizada na Alemanha.

Evidentemente, os arquivos pesquisados no Brasil também ofereceram desafios. Praticamente todos os inventários da segunda geração familiar não foram localizados, sendo impossível nessa geração constituir o perfil de sucessão e o grau de inserção nos negócios a partir da análise patrimonial dos membros familiares dessa geração. Além disso, um grande conjunto documental não pode ser pesquisado por estar “contaminado”, em péssimo estado de conservação e em processo de higienização e restauro, pois havia sido recolhido dos antigos prédios das fábricas da família, após disputa judicial pela guarda desse patrimônio, na qual o material ficou sob a responsabilidade Centro de Documentação Histórica/FURG. Independente desse revés, os arquivos pesquisados eram de dois tipos: de acesso gratuito e aqueles nos quais havia necessidade de pagamento pela pesquisa ou por cópias do material de interesse. Embora, a maior parte da pesquisa tenha ocorrido em arquivos onde eram permitidas a pesquisa e fotocópias de documentos sem custos, havia coleções imprescindíveis que requisitavam de recursos financeiros para serem pesquisadas. Assim, mesmo que tenham sido poucas as cópias de documentos “compradas”, desembolsar dez reais por cada foto é

um investimento muito grande para um pesquisador em início de carreira com uma bolsa de estudos individual.

O material coletado foi praticamente todo fotocopiado, isto é, fotografado e distribuído em pastas no computador. O segundo passo foi a digitação ou transcrição dos documentos em arquivo *word*, mantendo as grafias originais, criando um banco de dados que respeitasse a organização dos arquivos e de suas coleções, maços e caixas. O objetivo era a utilização das fontes transcritas no programa NVIVO, que não é usual entre historiadores. Com o aporte das metodologias informacionais, foi possível adaptar as fontes a ideia de pesquisa qualitativa da sociologia e do programa de computador. Mesmo assim, a dificuldade da elaboração de uma análise narrativa impossibilitou que todo o processo fosse realizado no referido programa, restringindo assim a utilização desse instrumento especialmente na estruturação da tese e construção dos capítulos.

Durante o processo de transcrição dos documentos para o *word*, a leitura do material coletado foi criando enredos que permaneceram na mente como trabalho permanente de reflexão e levando a pesquisa a seguir pistas não exploradas até a leitura daqueles documentos. Essa construção do texto em formato cronológico alimentou uma primitiva narrativa, que seria efetivamente construída algum tempo depois, já durante a realização do doutorado sanduíche, quando a etapa de escrita começou. A primeira parte da tese, justamente a correspondente aos dados coletados e já processados ou pré-avaliados no Brasil, foi realizada na Alemanha, paralelamente aos trabalhos da bolsa sanduíche. Nessa fase, a tese ainda permanecia muito “histórica”, isto é, mais descritiva, seguindo o percurso estritamente cronológico, e era necessário “sociologizar” a escrita. Com o retorno ao Brasil, o acréscimo teórico e empírico obtido no exterior e as releituras da parte já escrita, a tese ganhou outros contornos.

Já na Alemanha a pesquisa foi mais complexa, percorrendo não apenas a cidade ou região de nascimento do grupo imigrante, mas também as cidades onde estavam localizadas suas conexões econômicas, políticas e culturais. O desenho da busca documental não respeitava assim a lógica da cidade natal como fator central da base de referência familiar, sendo necessário expandir o campo de pesquisa para grandes cidades, como Hamburgo e Wiesbaden. Essa

etapa do trabalho de coleta de dados foi possível através da realização de doutorado sanduíche, pelo período de 1 ano naquele país. Entender as lógicas dos acervos alemães foi problema constante, especialmente pelas alterações administrativas ao longo do tempo. A pesquisa também precisava respeitar normas que delimitavam como o material poderia ser pesquisado e como seria copiado, pois a maioria das instituições não permitia que os próprios pesquisadores produzissem cópias. Era preciso, portanto, requisitar a cópia ao arquivo, mediante pagamento. Como o arquivo entregava a cópia era novo problema. Alguns arquivos ofereciam o serviço de fotografia dos documentos, enviando o material para um endereço no interior da Europa, em outros, era possível receber a cópia no mesmo dia. O problema seguinte era entender o idioma e a escrita diferentes.

Uma das etapas da pesquisa, realizada na Alemanha, foi a conferência dos dados preliminares, especialmente, daqueles coletados no Brasil que faziam referência a eventos no exterior. Essa etapa embora não tenha produzido um significativo volume de material, ou de páginas da tese, foi extremamente importante para a pesquisa, pois possibilitou a visualização de uma realidade diferente, que destoava das imagens construídas no Rio Grande do Sul. A principal questão foi a descoberta das práticas religiosas diferentes para os familiares da Alemanha e para os do Brasil. No Brasil, a família inteira professava a religião católica, sem margem para dúvidas. Na Alemanha, toda a família professava a religião evangélica. Ou seja, a visita aos arquivos de cunho religioso, em diversas cidades, não era central para a pesquisa e requeria boa organização e orçamento com as viagens, isto é, foi preciso organizar e seguir um cronograma rígido, para buscar aspectos significativos o bastante para “montar” os quadros de referências multi-locais, embora na prática tais pesquisas façam mais parte do escopo da experiência do pesquisador, do que propriamente das páginas da tese.

O uso de fontes documentais históricas é corrente na sociologia, embora ainda pouco discutida na disciplina. A composição desses bancos de dados podem auxiliar em estudos comparativos, análises sócio-históricas e na discussão sobre métodos de pesquisa para esse tipo de documento (jornais, cartas, processos criminais, por exemplo) e no uso dos programas de computador nas pesquisas qualitativas e históricas. A coleta de fontes em

arquivos, as fotocópias, o trabalho de transcrição ou digitação de todo o *corpus documental* e a construção do banco de dados perpassam a leitura do material com caligrafias difíceis e o conhecimento de outros idiomas, inclusive expressões não usuais, que podem comprometer a interpretação do material, requerendo não apenas as técnicas da paleografia, mas a percepção de outros tempos históricos na investigação.

Assim, ressalta-se a experiência de pesquisa, o percurso da investigação, no qual são importantes o intercâmbio com outros pesquisadores, o conhecimento dos diversos tipos de fontes, dos arquivos, das escritas dos investigados e toda a gama de detalhes que remontam às especificidades da conjuntura da pesquisa. O desafio mais profundo foi, portanto, unir o trabalho sociológico de análise com o pensar histórico.

Referências

ABBOTT, Andrew. *Time matters: on theory and method*. The University of Chicago Press, Chicago, 2001.

ABRAMS, Philip. *Historical Sociology*. New York: Cornell University Press, 1982.

BONACICH, Edna. A theory of middleman minorities. *American Sociological Review*, v. 38, n. 5, 583-594, 1973.

BOSENBECKER, Patricia. *Três gerações de empreendedorismo: capital e laços sociais entre Brasil e Alemanha a partir do estudo de caso da família Rheingantz*. Tese (Doutorado em Sociologia). Porto Alegre, PPG-Sociologia/UFRGS, 2017. 248p.

BOURDIEU, Pierre. The forms of capital. In: HALSEY, A. H.; BROWN, Phillip, LAUDER, Hugh (orgs). *Education. Culture, Economy, and Society*. Oxford: Oxford University Press, 1997, p. 46-58.

_____; CHARTIER, Roger. *O sociólogo e o historiador*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

DEAN, Warren. *A industrialização de São Paulo (1880-1945)*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991. 4^o ed.

DELHAES-Guenther, Dietrich von. *Industrialisierung in Südbrasilien*. Die deutsche Einwanderung und die Anfänge der Industrialisierung in Rio Grande do Sul. Köln/Wien: Böhlau Verlag, 1973.

GANS, Magda Roswita. *Presença teuta em Porto Alegre no século XIX (1850-1889)*. Porto Alegre: Ed. UFRGS/ANPUH-RS, 2004.

GERTZ, René E. *Imigração e empreendedorismo industrial no Rio Grande do Sul*. 2013. Trabalho apresentado ao Colóquio imigração, urbanização e empreendedorismo no Brasil, Porto Alegre, 2013.

GRANOVETTER, M. Economic action and social structure: the problem of embeddedness. *American Journal of Sociology*, v. 91, n. 03, p. 481-510, 1985.

_____. The Economic Sociology of Firms and Entrepreneus. In: PORTES, Alejandro (ed.). *The Economic Sociology of Immigration*. Essays on Networks, Ethnicity and Entrepreneuschip. New York: Russel Sage Foundation, 1995. p. 128-165.

LAGEMANN, Eugênio. Imigração e industrialização. In: LANDO, Aldair Marli (org.). *RS: imigração & colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1880. p. 114 a 134.

LEVITT, Peggy. Transnational migration: taking stock and future directions. *Global Networks*, v. 1, n. 3, p. 195-216, 2001.

_____; DEWIND, Josh; VERTOVEC, Steven. International Perspectives on Transnational Migration: An Introduction. *International Migration Review*, v. 37, n. 3, Transnational Migration: International Perspectives, pp. 565-575, 2003.

LIGHT, Ivan. *Ethnic Enterprise in America*. Berkeley and Los Angeles: University of California, 1972.

_____; BHACHU, Parminder; KARAGEORGIS, Stavros. Migration Networks and Immigrant Entrepreneurship. In: LIGHT, Ivan; BHACHU, Parminder. *Immigration and entrepreneurship*. Culture, capital, and Ethnic Networks. 2º ed. New Brunswick, New Jersey: Transaction Publishers, 2009.

_____; GOLD, Steven J. *Ethnic Economies*. San Diego: Academic Press, 2000.

_____; ROSENSTEIN, Carolyn. Expanding the Interaction Theory of Entrepreneurship. In: PORTES, Alejandro (ed.). *The Economic Sociology of Immigration*. Essays on Networks, Ethnicity, and Entrepreneurship. New York: Russel Sage Foundation, 1995. p. 166-212.

MOURE, Telmo. A inserção da economia imigrante na economia gaúcha. In: LANDO, Aldair Marli (org.). *RS: imigração & colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1880. p. 91 a 113.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *A Burguesia Gaúcha*. Dominação do capital e disciplina do trabalho (RS: 1889-1930). Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

PORTES, Alejandro. *The Economic Sociology of Immigration*. Essays on Networks, Ethnicity and Entrepreneurship. New York: Russel Sage Foundation, 1995.

_____. Social Capital: Its Origins and Applications in Modern Sociology. *Annual Review of Sociology*, p. 1- 24, 1998.

_____. Convergências teóricas e dados empíricos no estudo do transnacionalismo imigrante. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 69, p. 73-93, out. 2004.

_____. *Economic Sociology*. A systematic inquiry. Princeton: Princeton University Press, 2010.

_____; SENSENBRENNER, Julia. Embeddedness and immigration: notes on the social determinants of economic action. *American Journal of Sociology*, v. 6, n. 98, 1993.

_____; GUARNIZO, Luis Eduardo; HALLER, William J.. Transnational Entrepreneurs: An Alternative Form of Immigrant Economic Adaptation. *American Sociological Review*, v. 67, n. 2, p. 278-298, ab. 2002.

PRIES, Ludger. *Internationale Migration*. Bielefeld: transcript, 2001.

PRIES, Ludger. *Transnationalisierung*. Theorie und Empirie grenzüberschreitender Vergesellschaftung. Wiesbaden: VS Verlag, 2010.

ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. Globo, 1969.

SEYFERTH, Giralda. Etnicidade, política e ascensão social: um exemplo teuto-brasileiro. *MANA*, v. 5, n. 2, p. 61-88, 1999a.

_____. Imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado Novo. In: PANDOLFI, Dulce (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999b.

_____. Imigração e diferenciação cultural: algumas questões conceituais. In: TEDESCO, João Carlos; ZANINI, Maria Catarina C. *Migrantes ao sul do Brasil*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2010. p. 19-62.

- SINGER, Paul. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*. 2ª ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1977.
- SKOCPOL, Theda. Emerging Agendas and Recurrent Strategies. In: SKOCPOL, Theda (ed.). *Vision and method in historical sociology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- _____. A imaginação histórica da sociologia. *Estudos de Sociologia*. Araraquara, SP, v. 9, n. 16, p. 7-29, 2004.
- SWEDBERG, Richard. *Max Weber e a ideia de sociologia econômica*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ/São Paulo: Beca Produções Culturais, 2005.
- TILLY, Charles. Future history. *Theory and Society*, v. 17, p. 703-712, 1988.
- _____. Transplanted Networks. In: YANS-MCLAUGHLIN, Virginia. *Immigration Reconsidered*. History, sociology, and Politics. New York: Oxford University Press, 1990.
- _____. Itinerários em análise social. *Tempo social*, v. 16, n. 2, p. 299-302, 2004.
- _____. History of and in Sociology. *Am Soc*, v. 38, p. 326–329, 2007.
- TRUZZI, Oswaldo. Redes em Processos migratórios. *Tempo Social*, v. 20, n. 1, p. 199- 218, 2008.
- _____. Assimilação Resignificada: Novas Interpretações de um Velho Conceito. *DADOS*, Rio de Janeiro, v. 55, n. 2, p. 517-553, 2012.
- VERTOVEC, Steven. Migrant Transnationalism and Modes of Transformation. *International Migration Review*, v. 38, n. 3, p. 970-1001, 2004.
- WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. 4º ed. São Paulo: Ed. UNB, 2004.
- WEBER, Regina. Grupos Étnicos, Estratégias étnicas. In: SIDEKUM, Antonio, ARENDT, Isabel, GRÜTZMANN, Imgart. *Campos múltiplos: identidade, cultura e história*. Festschrift em homenagem ao Prof. Arthur Blasio Rambo. São Leopoldo: Nova Harmonia / Oikos, 2008. p. 235-255.
- WILLEMS, Emílio. *A aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, Brasília: INL, 1980 [1946].
- ZHOU, Min. Revisiting Ethnic Entrepreneurship: Convergencies, Controversies, and Conceptual Advancements. *International Migration Review*, v. 38, n. 3, p. 1040-1074, 2004.